

VIII ENECIÊNCIAS 2024

AGROECOLOGIA URBANA NO CONTEXTO EDUCATIVO: A HORTA ESCOLAR COMO CAMINHO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ALIMENTAR

Taís Exposito Filgueiras

Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: biotaisfilgueiras@gmail.com

Rafael Nogueira Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Email: rafaelnogueiracosta@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho relata experiências vivenciadas com a agroecologia escolar em jardins de infância e no Ensino Fundamental I em três escolas privadas, na cidade de Macaé. O objetivo é apresentar todo o processo de implantação da horta agroecológica, desde o plantio até a colheita, abrangendo as temáticas da Educação Ambiental e da Sustentabilidade. São destacados alguns desafios encontrados para a aplicação no contexto escolar e como ocorrem as interações dos alunos com o manejo da terra. Este trabalho visa contribuir com a promoção de um consumo alimentar sustentável e saudável para os educandos.

Palavras-chave: Horta agroecológica, Educação Ambiental, Sustentabilidade e Alimentação sustentável.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

CULTIVANDO O SOLO DA SUSTENTABILIDADE ATRAVÉS DA AGROECOLOGIA:

Ao se refletir sobre o imaginário coletivo acerca da natureza, é possível identificar em várias narrativas um conjunto de ideias que a retratam como algo distante e separado de nós. Essa percepção é ainda mais comum entre os sujeitos do meio urbano, seguindo a dicotomia entre a Terra e a humanidade. Como cita o autor Krenak (2020, p.17): “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”. Se tudo é natureza, quais caminhos estamos traçando como agentes de transformação para sua preservação? Para que haja qualquer tipo de transformação no âmbito ambiental, primeiramente é necessário desenvolver consciência sobre a problemática, reconhecendo que também fazemos parte dela.

Antônio Bispo dos Santos, em seu livro *A terra dá, a terra quer* (2023), apresenta as ambiguidades, inconsistências e incoerências do termo desenvolvimento sustentável, afirmando ser uma variante da cosmofofia. Ele propõe o termo "biointeração", referindo-se ao compartilhamento e às interações das vidas existentes. Ao invés de "desenvolvimento", sugere o uso de "envolvimento". O autor quilombola acrescenta novas palavras à língua portuguesa, afirmando ser uma estratégia para semear e potencializar a luta contracolônial, de modo que o próprio colonizador não as compreenda.

Humanismo é uma palavra que acompanha o termo desenvolvimento, cujo conceito trata os seres humanos como criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto aos humanistas estão os diversos – os cosmológicos ou orgânicos. Enquanto os humanos buscam sempre transformar o orgânico em sintético, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, tornando-se cada vez mais conectados a essa condição. Para os diversos, a questão não é desenvolver, mas envolver. À medida que nos envolvemos organicamente, eles optam por desenvolver-se humanisticamente (SANTOS, 2023, p.30).

A humanidade segue, atualmente, numa rotina acelerada, em que a disputa contra o tempo é intensa. Como resultado, a busca por alimentos ultraprocessados cresce cada vez

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

mais. No mercado, encontramos frutas descascadas e embaladas em isopor e filme plástico. E sabemos bem para onde essa conta vai. Ao interagir com meus alunos da educação infantil, percebi que muitos acreditavam que os alimentos eram produzidos no mercado, por estarem habituados a comprá-los lá. Mas, se o alimento é "produzido" no mercado, o que podemos esperar do imaginário infantil em relação à produção alimentícia? O autor Antônio Bispo já dizia (2023, p. 101): “Orgânico é tudo aquilo que as vidas podem acessar; o que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria. Com ou sem veneno”. Ele critica a alimentação vista como mercadoria, e afirma que não basta que ela seja livre de agrotóxicos – ela precisa ser acessível a toda a população.

No Brasil, a monocultura gera deficiência alimentar, e o latifúndio contribui para a fome. O que muitos chamam de “fartura” está, na maioria das vezes, relacionado à quantidade, e não ao valor nutricional dos alimentos. Isso é mais uma face da miséria e da fome, conforme aponta Josué de Castro em seu livro *Geografia da fome* (2022, p. 13). Ele afirma que existe uma fome crônica, na qual a população não adquire calorias suficientes para sua rotina diária. “É a fome que se manifesta em uma sociedade em que a comida não é apenas alimento, mas, sobretudo, mercadoria. Ora, se a comida é mercadoria, o que mais importa nela é seu valor de troca, e não seu valor nutricional”.

A autora Ana Primavesi (2020), destaca que a fome na primeira infância pode gerar diversos comprometimentos à saúde ao longo da vida adulta. A falta de determinados alimentos no cotidiano da criança prejudica o reconhecimento de seu valor nutricional. Quando um alimento não faz parte do paladar habitual, dificilmente será incorporado na dieta futura. A alimentação deve ser aprendida desde a base.

Mas a criança de mãe faminta, criada em regime de fome, perde a capacidade de aprendizagem. A base de qualquer educação formal eficaz é a alimentação! Uma pessoa mal nutrida não possui resistência a doenças, verminoses e outros parasitas. Não reage às vacinações. Nenhum programa de saúde, nenhuma construção de postos de saúde, nenhuma distribuição de remédios pode alterar isso. A alimentação é a base da saúde (PRIMAVESI, 2020, p.19).

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

De acordo com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), “Art. 3º: A alimentação escolar é direito dos alunos da educação básica pública e dever do Estado”. Em 2023, foi sancionada a lei nº 14.660, no Art. 14º, que determina que, do total de recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural, priorizando os assentamentos da reforma agrária, comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e grupos formais e informais de mulheres. Dessa forma, fortalece-se a diversidade de grupos agrícolas e promove-se a segurança alimentar.

A introdução da horta agroecológica nas escolas é uma iniciativa poderosa, que combina benefícios para a saúde, educação ambiental e desenvolvimento de habilidades práticas. Cultivar alimentos ensina as crianças sobre a origem dos alimentos e o processo de crescimento até chegar à mesa, incentivando escolhas alimentares mais saudáveis. Proporciona também uma oportunidade para que os alunos aprendam sobre o ciclo de vida das plantas e dos ecossistemas, sendo um ponto de partida para discussões sobre sustentabilidade, conservação de recursos naturais e a importância da agricultura familiar.

O trabalho de cultivo desempenha uma função em equipe. Os alunos aprendem a compartilhar responsabilidades, cooperar e valorizar a participação de cada integrante. Todos são essenciais na dinâmica do cuidado com a terra. Este tem sido o maior desafio em minha prática. A atividade exige envolvimento de todo o corpo pedagógico, não se restringindo apenas a professores de ciências e biologia. É necessário dialogar com merendeiras, cozinheiras e nutricionistas (quando houver). Todos os funcionários podem participar desse processo. Quanto mais pessoas envolvidas, melhor, pois assim pode haver revezamento nas tarefas, como a irrigação do espaço, por exemplo.

Outros benefícios de se trabalhar com a horta agroecológica incluem sua multidisciplinaridade, podendo ser incorporada em várias disciplinas, como biologia,

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

química, matemática e até literatura. Isso proporciona uma abordagem integrada ao aprendizado. As vantagens de abraçar essa ideia nas escolas são inúmeras, pois vão além de sistemas tecnológicos de produção e recursos utilizados. A prioridade está nas relações sociais e no ambiente em que estão inseridos, bem como nas crenças envolvidas, todos alinhados aos princípios da sustentabilidade.

Este trabalho é desenvolvido em três escolas particulares de Macaé, mediado por metodologias participativas (Brose, 2001), por meio de diálogo constante com os agentes sociais. Os agentes incluem professores, alunos e funcionários, todos envolvidos nas atividades agroecológicas, contribuindo para a estruturação e bom andamento das atividades.

DENTRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS ESTÃO

1. **Estruturação agroecológica:** Essa é uma das ações mais importantes, pois envolve também o planejamento pedagógico. São realizadas reuniões com o corpo pedagógico para alinhar os trabalhos que serão desenvolvidos ao longo do ano. Nesse momento inicial, são escolhidos o terreno, as plantas a serem cultivadas, a locação dos canteiros, e é definido o calendário de cultivo e semeadura, atividades a serem conduzidas com os alunos.
2. **Plano pedagógico e capacitação:** Esta etapa ocorre concomitantemente à primeira. Colabora-se com professores e funcionários da escola na abordagem às diferentes faixas etárias dos alunos. Aspectos técnicos e fundamentos agroecológicos aplicados à horticultura urbana, como adubação e manejo agroecológico, controle ecológico de pragas e uso dos recursos naturais, são abordados. Incluem-se também atividades práticas de cultivo, além de discussões sobre questões ambientais.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

- 3. Oficinas para os alunos:** Nesta etapa, realiza-se o plantio com os alunos, a observação e o acompanhamento do desenvolvimento das plantas em diferentes fases do crescimento. Isso ensina não apenas o ciclo de vida das plantas, mas também incentiva a apreciação pela natureza e a compreensão das interações ecológicas. Também é construído um sistema de sinalização interativa, com placas indicativas dos nomes das espécies e informações sobre seus ciclos de crescimento e sua importância para o meio ambiente.
- 4. Colheita e complementação na alimentação escolar:** Esse trabalho com a horta agroecológica é dinâmico, e a ordem pré-estabelecida das ações é cíclica. Alguns alimentos são colhidos um mês após o plantio, outros em seis meses ou mais.

Ao longo dos dois anos de desenvolvimento deste trabalho, observei que os alunos começaram a conhecer alimentos diferentes do seu cotidiano, como o peixinho-da-horta, o almeirão e até a alfavaca, usada como tempero. Eles passaram a ter contato com uma alimentação nutritiva, sem agrotóxicos, produzida por mãos que cuidam e zelam pela terra, pela vida – as deles mesmos. Toda a vivência, desde o preparo da terra, passando pelo plantio e a colheita, potencializa hábitos de consumo responsável que poderão levar para a vida. As sementes plantadas hoje esperamos colher num futuro próximo, com a ressignificação dos espaços urbanos escolares, que devem ter mais áreas verdes e ações sustentáveis.

REFERÊNCIAS.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

BRASIL. Resolução FNDE/CD nº 38, de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no Programa Nacional de Alimentação Escolar -PNAE. Diário Oficial da União 2009; 17 jul.

BISPO, Antônio. A terra dar a terra quer. Ubu Editora. 2023

CASTRO, Josué de. Geografia da fome: O dilema brasileiro: pão ou aço. 1.ed – São Paulo: Todavia, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2020.

PRIMAVESI, Ana. Cartilha da terra. 1.ed.- São Paulo: expressão popular, 2020.

Realização:



Apoio:

